

prenome. Mas, assim mesmo, D. Marine relutou em aceitar a evidência observada por ela própria. Aquilo era demais para uma pessoa, nascida, criada e educada em um ambiente religioso que, na sua essência, ensinava justamente a negação daquilo que os fatos estavam revelando.

Somente mais tarde, após consultar dirigentes espíritas e ter lido livros sobre Espiritismo, D. Marine foi se acostumando com a idéia da reencarnação e admitindo-a como a melhor explicação para o comportamento de Kilden.

4) Reconheceu espontaneamente, em uma fotografia, os lugares onde, como Pe. Jonathan, houvera se encontrado com D. Marine, nos tempos do colégio das Irmãs.

Vejamos como D. Marine relata este episódio:

“Certa tarde, estava em um quarto com as crianças, preparando as malas para uma viagem que faríamos.

“Ao tirar vários papéis de dentro de uma grande mala, caiu um postal em preto e branco, que, de tão escondido, já havia me esquecido dele. Kildary e Kilden pegaram a foto. Kilden então disse, assentando-se ao chão:

— Olha! Aqui eu ficava e aqui embaixo ficava a mamãe!

“A foto era do Bairro dos Coqueirais, em N.P., onde estudei e fiquei conhecendo Pe. Jonathan, em 1968.”

5) Recordava-se de que jogava bola com os meninos, quando era Padre, mostrando impaciência quando a mãe dava a impressão de ignorar este particular.

Na ocasião em que a referida fotografia foi apanhada por Kildary e seu irmão Kilden, este último parece ter-se recordado de mais outros detalhes de sua última encarnação. D. Marine, curiosa, observava-lhe o comportamento.

Em um dado momento, Kilden colocou o dedinho sobre a imagem do colégio dos padres e, em seguida sobre a do colégio das Irmãs, onde D. Marine foi aluna interna. Provavelmente aquelas figuras deviam estar despertando, por associação de idéias, alguma recordação em Kilden. D. Marine que o observava atentamente, procurou fazer um teste naquele momento e, curiosa, perguntou-lhe o que ele fazia naquele “casarão”, referindo-se ao colégio dos padres onde ficavam os alunos do sexo masculino. Kilden respondeu imediatamente:

“— Eu jogava bola com muitos meninos, boba! Você está cansada de saber!”

D. Marine resolveu confirmar se realmente ele estava tendo uma recordação de sua alegada vida anterior e voltou a insistir:

“— Quando você jogava bola com os meninos? — perguntou-lhe.

“— Quando eu era Padre, uai! — respondeu Kilden, gritando impaciente.”

Parece evidente que a referida fotografia devia ter provocado alguma reação em Kilden, se admitirmos, ainda que por hipótese de trabalho, ser ele a reencarnação do Pe. Jonathan. Vejamos como D. Marine descreveu a cena da contemplação da foto pelo seu filho:

“Kildary (o filho mais velho) olhou-me, rindo, sem saber o motivo da minha cara de espanto.

“Kilden Alexandre, ajoelhado e assentado sobre os calcanhares, de cabeça baixa, continuava contemplando o postal, como se nós não mais estivéssemos por perto. De vez em quando, o menino se isolava em meditação, com a chupeta à boca e a ponta do travesseiro no nariz. Apesar de levado e muito vivo, ele tinha momentos assim.

“Peguei a foto, lendo, surpresa, o que estava escrito atrás, com a caligrafia do Pe. Jonathan:

‘Marine, quantas recordações traz essa foto! Recordações que ficarão eternamente indelévels para você e para Alexandre.’

“A dor pela saudade do Pe. Jonathan confundia-se com aquele pesadelo provocado por um garotinho tão pequenino, que dizia com tanta certeza ser ele o Alexandre, o Padre...”

“O Bairro dos Coqueirais foi realmente o palco de um grande ato da misteriosa peça da minha vida... *Um dia, se a história de Alexandre vier a público, certamente, a foto desse bairro ocupará um bom espaço.*”

6) Chorou ao ouvir a música cantada pelo cantor Paulo Sérgio: “Última Canção”.

Esta música deve ter-se gravado intensamente na memória do Pe. Jonathan. Era a canção popular mais ouvida, pelos dois, na época em que ele e Marine estavam no auge de sua paixão. Vamos transcrever um trecho do Relatório de D. Marine:

“25 de agosto de 1968: Fomos ao Colégio dos Padres. Vi Alexandre até a hora em que o ônibus saiu. Ele deu um adeus discreto e sorriu.”

“Aquele 25 de agosto marcou-me profundamente. Após uns minutos de conversa com Pe. Jonathan em sua sala, cujo fundo musical era “Última Canção”, ele saiu para passar vários dias em B.H., em Retiro Espiritual...”

D. Marine relatou como se sentiu, naquela tarde fria e chuvosa, após a partida do ônibus levando o Pe. Jonathan. Ele certamente devia estar sentindo a mesma emoção, ao despedir-se de Marine em sua sala, ouvindo, como fundo